

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias
Contemporâneas - CEEAV

Cecília Ramos de Camargo

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
INTELECTUAL, UTILIZANDO COMO RECURSO A RECICLAGEM DE PAPEL E A
REUTILIZAÇÃO DE MATERIAIS.**

Contagem

2020

Cecília Ramos de Camargo

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
INTELECTUAL, UTILIZANDO COMO RECURSO A RECICLAGEM DE PAPEL E A
REUTILIZAÇÃO DE MATERIAIS.**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador: Prof. João Augusto Cristeli de Oliveira

Contagem

2020

Camargo, Cecília Ramos

O ensino de artes visuais para pessoas com deficiência intelectual, utilizando como recurso a reciclagem de papel e a reutilização de materiais./ Cecília Ramos de Camargo. – 2020.
40 f., enc

Orientador(a): Prof. João Augusto Cristeli de Oliveira.
Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.
Referências: f. 37-39

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. Oliveira. João Augusto Cristeli de. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707



Nome: **CECÍLIA RAMOS DE CAMARGO**

RECICLAGEM E REUTILIZAÇÃO COMO RECURSO PEDAGÓGICO AO ENSINO DA ARTE PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**

Professor João Augusto Cristeli de Oliveira – CEEAV/ EBA/ UFMG - Orientador

Professor Artur Luiz de Souza Maciel – CEEAV/ EBA/ UFMG – Membro da Banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020.

Resumo

A monografia é um relato de experiência, mostrando a importância do Ensino de Artes Visuais para pessoas com deficiência intelectual, utilizando como recurso didático a reciclagem de papel e a reutilização de materiais. O relato de experiência foi produzido a partir das aulas e atividades de artes no serviço de Centro Dia da APAE de Divinópolis, com pessoas de 18 a 59 anos. A junção da teoria com a prática possibilitou compreender melhor a importância do contato da pessoa com deficiência intelectual com a Arte, a partir da reciclagem de papel e reutilização de materiais. Ao ressignificar materiais que antes seriam descartados e dar um novo sentido ao objeto foi possível trabalhar a capacidade de socializar assim como criar métodos e atividades que desenvolvam a criatividade, o senso crítico, a autonomia, a sensibilidade e a cognição. Através da pesquisa bibliográfica e das observações obtidas em sala no serviço de Centro Dia, conseguiu-se concluir que as artes visuais ajudaram a desenvolver: engajamento social, interação, socialização e também a capacidade criativa, senso crítico, autoestima, e a autonomia em pessoas com deficiência intelectual. Dessa forma concluiu-se que a arte transforma, e contribui para o desenvolvimento humano. Conclui-se também que a reciclagem de papel e a reutilização de materiais é uma grande alternativa para o trabalho em Arte com pessoas com deficiência intelectual, tanto no sentido de desenvolvimento humano, quanto no financeiro e ético.

Palavras-chave: Artes visuais. Deficiência Intelectual. Reciclagem e Reutilização de materiais.

Abstract

Monograph is an experience report, showing the importance of Visual Arts Teaching for people with intellectual disabilities, using as a didactic resource the recycling of paper and the reuse of materials. The experience report was produced from classes and arts activities in the Service of Centro Dia da APAE de Divinópolis, with people aged 18 to 59 years. The combination of theory with practice made it possible to better understand the importance of the contact of people with intellectual disabilities with Art, based on paper recycling and reuse of materials. By resmeansing materials that would previously be discarded and give a new meaning to the object it was possible to work on the ability to socialize as well as create methods and activities that develop creativity, critical sense, autonomy, sensitivity and Cognition. Through bibliographic research and observations obtained in the room in the Center Day service, it was concluded that the visual arts helped develop: social engagement, interaction, socialization and also creative capacity, critical sense, self-esteem, and autonomy in people with intellectual disabilities. Thus it was concluded that art transforms, and contributes to human development. It is also concluded that paper recycling and material reuse is a great alternative to work in Art with people with intellectual disabilities, both in the sense of human development, as well as in financial and ethical.

Keywords: Visual arts. Intellectual Disability. Recycling and Reuse of materials.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 08 |
| CAPITULO 1 - ENSINO DE ARTES | 11 |
| 1.1 Minha vivência como Educadora no Centro Dia na APAE de Divinópolis... 11 | |
| 1.2 Metodologias de ensino e a importância do meu trabalho no Centro Dia para os Usuários | 15 |
| CAPITULO 2 - A HISTÓRIA DE ARTISTAS E A RESSIGNIFICAÇÃO DE MATERIAIS | 18 |
| 2.1 Jac Leiner | 18 |
| 2.2 Vik Muniz | 21 |
| 2.3 Reciclagem e Reutilização de materiais como recurso de baixo custo para o ensino de Artes | 23 |
| CAPITULO 3- RELATÓRIO DAS EXPERIMENTAÇÕES | 24 |
| 3.1 Oficina de Papel Artesanal | 25 |
| 3.2 Oficina de Papel Machê | 29 |
| 3.3 Oficina de Assemblage..... | 32 |
| CONCLUSÕES | 36 |
| REFERÊNCIAS..... | 37 |
| ANEXOS | 40 |
| Autorização do uso do nome da instituição | 40 |

LISTA DE FIGURAS.

| | |
|--|----|
| FIGURA 01 Jacqueline Leiner | 19 |
| FIGURA 02 Jac Leirner, Pulmão (vegetal/mineral), 1987. | 19 |
| FIGURA 03 Jac Leirner, Corpus Delicti, 1993. Escultura feita com talheres e cordão de poliuretano..... | 20 |
| FIGURA 04 Jac Leirner, Inacabável (roda sobre roda), 1982. | 20 |
| FIGURA 05 Vik Muniz cena de Lixo Extraordinário..... | 21 |
| FIGURA 06 Cena Lixo extraordinário..... | 21 |
| FIGURA 07 Obra do Documentário Lixo extraordinário | 22 |
| FIGURA 08 Picotando o papel para a oficina de Papel Artesanal..... | 26 |
| FIGURA 09 Pasta sendo colocada na bacia com água | 27 |
| FIGURA 10 Polpa de papel sendo retirada da água | 27 |
| FIGURA 11 A autora orienta como a polpa deve ser pescada e depositada em tecido de algodão para secar..... | 28 |
| FIGURA 12 Resultados das folhas de papel..... | 28 |
| FIGURA 13 Estrutura sendo preparada | 30 |
| FIGURA 14 Pintura da peça..... | 31 |
| FIGURA 15 Peças finalizadas | 31 |
| FIGURA 16 Manuseio do material pelos assistidos | 33 |
| FIGURA 17 Manuseio do material pelos assistidos | 34 |
| FIGURA 18 Artes Finalizadas | 34 |

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como tema O Ensino de Artes Visuais para pessoas com deficiência intelectual, utilizando como recurso a reciclagem de papel e a reutilização de materiais.

O objetivo principal é mostrar através do relato de experiência propostas pedagógicas, tendo como suporte a reciclagem de papel e a reutilização de materiais, através de Oficinas de Papel Artesanal Reciclado; Oficina de Papel Machê¹ e Oficina de Assemblage.² Os estudos foram realizados durante o período de 04 anos.

A educação por meio da arte visual aperfeiçoa no ser humano os aspectos intelectuais, éticos e estéticos, seguidos pelo despertar da consciência individual em harmonia com a consciência do grupo social a que pertence. (FUSARI e FERRAZ, 2001, *apud* PAZETTO, 2014).

A escolha do tema e a realização da pesquisa surgiram pela minha experiência como Educadora Social na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais a APAE de Divinópolis/MG, ministrando aulas e oficinas de arte e artesanato.

A partir das minhas vivências em sala de aula pude observar a necessidade de pesquisas que envolvam o ensino de Artes Visuais para pessoas com deficiência, bem como a falta de propostas de atividades pedagógicas alternativas que não demandem altos custos para sua realização.

Para a construção do trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre Artes Visuais, Deficiência Intelectual, reciclagem e reutilização de materiais descartáveis, assim como várias informações ligadas ao assunto. Para isso utilizou-se linhas de abordagens diversas, e vários autores dentre eles Paulo Freire.

¹ Papel Machê: foi desenvolvido em regiões da China aproximadamente dois séculos A.C. Os chineses quem inventaram o papel e foram os primeiros a utilizar a polpa do Papel Machê para moldar capacetes de guerra. Papel Machê quer dizer papel picado, mastigado. Quem iniciaram a sua utilização para fins artísticos foram os Franceses, daí a criação de seu nome. IMBROISI, (2016).

² Assemblage: O termo origina-se do francês e significa montagem. É um trabalho no qual o artista une objetos por colagem ou encaixe, expressando o seu imaginário. Os objetos que fazem parte das obras permanecem em seu estado original, mas, unidos, parecem diferentes. O termo Assemblage foi incorporado às artes, em 1953, pelo pintor e gravador francês Jean Dubuffet, para a exposição The Art of Assemblage, no Museu de Arte Moderna- MoMA-de Nova York em 1961. IMBROISI, (2016).

A pesquisa teórica possibilitou uma melhor compreensão sobre a importância das Artes Visuais para pessoas com deficiência intelectual e também sobre o recurso da reciclagem e reutilização de materiais como respaldo para o aumento da autonomia e encontro dessas pessoas consigo mesmo.

De acordo com Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita, com o propósito de fazer com que o pesquisador entre em contato com todo o material escrito sobre algum assunto, ajudando o cientista na análise de suas pesquisas ou na utilização de suas informações. Pode ser considerado o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

Paralelamente à realização do levantamento bibliográfico foram adotados procedimentos científicos para descrever a prática desenvolvida sob o formato de um relato de experiência.

Quanto à metodologia de pesquisa foram adotados procedimentos da pesquisa descritiva e qualitativa, ao colher dados e informações relevantes para o trabalho, fazer o registro e realizar as análises e a interpretação dos fatos.

De acordo com Gil (1999), as pesquisas descritivas têm como finalidade descrever as características de determinada população ou fenômeno. Aparece nas técnicas padronizadas de coleta de dados. Mattar (2001), completa que pesquisa descritiva exige um profundo conhecimento do problema a ser pesquisado, pois o pesquisador precisa saber o que deseja medir, quando e onde o fará, como o fará e por onde deverá ser feito.

A pesquisa é classificada como qualitativa quanto à abordagem, pelas informações e dados colhidos durante o relato de experiência. Pesquisa qualitativa envolve: ambiente natural, dados descritivos, preocupação com o processo e com o significado e processo de análise indutivo. (BOGDAN & BIKLEN, 2003).

Existe outra abordagem metodológica no trabalho que é a Construção Compartilhada do Conhecimento. (PNEPS, 2016).³ Através desse método entende-se que a Educação se faz com o outro e não para o outro partindo do pressuposto que todos têm conhecimento e que esses conhecimentos devem ser compartilhados entre todos os atores envolvidos.

³ *Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde. 2016.*

No primeiro capítulo apresento o que é o serviço de Centro Dia oferecido pela APAE, qual a sua finalidade e objetivos, e qual o público que ele recebe. Falo também da minha experiência como educadora na APAE e como iniciei esse trabalho, as primeiras dificuldades que encontrei, como me adaptei e desenvolvi minha metodologia de ensino, e a partir de todas essas vivências levantar as questões para esta pesquisa.

No segundo capítulo falo sobre a reutilização e ressignificação de materiais em obras de arte, relato brevemente a história e obras de dois artistas que utilizo como respaldo em minhas aulas sobre o tema, e que desenvolvem suas obras a partir de produtos que iam para o lixo. Apresento ainda a reciclagem e reutilização como um recurso de baixo custo para o ensino de artes.

No terceiro capítulo eu relato detalhadamente a experiência de três oficinas com os temas de reciclagem e reutilização realizadas com os assistidos no Centro Dia, tudo que foi observado durante os processos e a importância que este aprendizado trouxe para eles. As fotos apresentadas fazem parte do meu arquivo pessoal, são de atividades em oficinas realizadas anteriormente a esta pesquisa.

CAPÍTULO 1 - ENSINO DE ARTES

1.1 Minha vivência como Educadora no Centro Dia na APAE de Divinópolis.

O Centro Dia é um serviço de assistência social direcionado a pessoas com deficiência intelectual múltipla e autistas e presta inúmeras atividades de convivência grupal, social e comunitária, fortalecimento de vínculos e ampliação das relações sociais. Preocupam-se com as características individuais de cada assistido, através de atividades artísticas que possam desenvolver recursos criativos para desenvolvimento da autonomia e evitando o isolamento social do usuário, do cuidador e de toda a família.

O relato da experiência que apresento é sobre o que foi desenvolvido no meu próprio local de trabalho. Sou Educadora Social em oficinas de Centros Dia da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Divinópolis.

Pessoas com deficiência intelectual ou cognitiva costumam apresentar dificuldades para resolver problemas, compreender ideias abstratas, estabelecer relações sociais, compreender e obedecer regras, e realizar atividades cotidianas. A capacidade de argumentação desses alunos também pode ser afetada e precisa ser devidamente estimulada para facilitar o processo de inclusão e fazer com que a pessoa adquira independência em suas relações com o mundo. As pessoas portadoras de deficiência múltipla são aquelas afetadas em duas ou mais áreas, caracterizando uma associação entre diferentes deficiências, com possibilidades bastante amplas de combinações. (SKURA, 2018, p. 02).

A respeito do Autismo, de acordo com Quaió (2018), o transtorno do espectro autista (TEA), compreende um grupo de condições do neurodesenvolvimento que compartilham comprometimento da função social e da comunicação, assim como a presença de padrões repetitivos de comportamento e interesses restritos. (QUAIO, et al, 2018).

O Centro Dia tem por finalidade promover a inclusão social, a autonomia e a qualidade de vida de seus assistidos, através de diversas atividades, dentre elas atividades de arte, artesanato, culturais e de lazer. Foi por trabalhar com este público que direcionei minha monografia para o mesmo.

Quando aceitei o convite para trabalhar como educadora social não imaginava os desafios que ia encontrar pelo caminho porque não tinha nenhuma experiência como docente.

Minha primeira formação foi como publicitária e tudo que eu me deparei foi novo para mim. A experiência que eu tinha a oferecer era como artesã, atividade que eu havia exercido desde muito jovem. Foi por esta razão que surgiu o convite para trabalhar no Centro Dia da APAE de Divinópolis. A arte, e o artesanato seriam de muita importância para os assistidos da Instituição e minha experiência seria de grande valia.

Sabe-se que a arte tem uma importância que ultrapassa o lazer, ou uma simples forma de ocupação. A arte tem um papel imprescindível no desenvolvimento da criatividade, da expressão dos sentimentos e amplia o conhecimento de si mesmo e do mundo que nos cerca.

A arte pode ser um caminho que leva esses indivíduos a desenvolver seu potencial e torna-se assim uma ferramenta essencial no desenvolvimento de habilidades das pessoas com deficiência intelectual, pois a arte tem o poder de estimular a criatividade, a autoexpressão, e percepção estética.

Através do contato com a arte e os processos de aprendizagem é possível propiciar o despertar da comunicação e expressão, o favorecimento da socialização e o desenvolvimento de um sujeito crítico-reflexivo.

Através da arte o ser humano manifesta a expressão mais íntima de suas emoções e ideias. Seus registros nos levam a tempos remotos e nos remete a registros visuais feitos na arte rupestre, pintura repleta de simbolismos feita em rochas ou nas paredes das cavernas, onde os povos retratavam sua realidade, expressavam seus sentimentos e suas ações cotidianas.

A arte nasce da necessidade da pessoa de se manifestar, de comunicar e expressar suas emoções e sentimentos, sua vontade de contar sua história e construir sua cultura.

Sempre tive amor pela arte, e trabalhar com cores e papéis, tintas e pincéis era minha rotina. E assim fui identificando a melhor forma de levar minhas habilidades para as atividades que propunha. E sempre com prazer em fazê-lo e procurando a

melhor forma de passar para meus alunos aquilo que eu tanto amava fazer e com a certeza que eles iriam usufruir dos benefícios que a arte iriam lhes propor.

Nesse sentido lembro-me das ideias de Paulo Freire que explica a importância do amor na educação:

O amor é uma tarefa do sujeito. [...] O amor é uma tarefa de intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro. Como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro. Nesta sociedade há uma ânsia de impor-se aos demais numa espécie de chantagem de chantagem de amor. Isto é uma distorção do amor. Quem ama o faz amando os defeitos e as qualidades do ser amado. Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração, a partir da comunicação com os demais. Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta. Como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama. (FREIRE, 1983, p. 15).

A minha primeira dificuldade foi entender as particularidades e especificidades da pessoa com deficiência e como trabalhar com este público. Com o tempo fui identificando as maiores dificuldades deles. Percebi que era muito comum a falta de atenção e foco, além da coordenação motora. Também é normal encontrar assistidos com dificuldades de comunicação e concentração, de fazer associações e memorizar e por vezes entender ideias abstratas.

Tornou-se necessário meu empenho e minha interferência de forma que eu pudesse ser uma educadora que conseguisse fazer a diferença para aquele público.

Não é possível exercer uma atividade de educador como se nada ocorresse conosco. Não posso ensinar sem me colocar diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar. Não posso escapar à apreciação dos alunos. (FREIRE, 1996).

Os ensinamentos de Freire quanto ao ensino caíram de forma verdadeira para mim. Eu consegui ver os alunos, mas queria que eles me vissem e enxergassem a arte através de mim, para assim desenvolverem suas habilidades.

A partir disto comecei a buscar e pesquisar atividades que pudessem estimular essas habilidades de maneira que fosse compreensível a todos. Acredito ser esta

uma outra grande dificuldade que encontrei, adaptar as atividades à individualidade de cada assistido, pois numa sala onde existem pessoas com diferentes deficiências e dificuldades diversas todas as propostas devem ser individualizadas.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 14).

Nessa pesquisa senti dificuldades em encontrar propostas que pudessem subsidiar minhas práticas pedagógicas e metodologias de forma mais científica, na maioria das vezes as pesquisas que tratam de estímulos sensoriais cognitivos e motores estão voltados para a criança, pois é normalmente nesta fase que estes estímulos são desenvolvidos.

Trilhar o caminho mais fácil e oferecer materiais didáticos e metodologias infantilizadas não era uma opção, uma vez que nosso objetivo é o oposto dessas práticas que encontramos constantemente.

Nosso trabalho visa à conscientização da família e até mesmo da população de não infantilizar essas pessoas e geralmente é o que acontece. Vemos frequentemente tanto as pessoas como a própria família tratando a pessoa com deficiência como incapaz, como sendo aquele que vai sempre precisar de ajuda como uma criança.

Nesse sentido, buscar estratégias e atividades voltadas para adultos foi um desafio e uma dificuldade encontrada por mim. Por esta razão, procurei por alternativas criando meu método de ensinar através de atividades práticas que fossem ricas em aprendizado e que não demandassem altos custos para sua execução.

É a partir de experiências e práticas artísticas que busco explorar o potencial transformador da Arte no que se refere a questões sociais e culturais e possibilitar a partir disso o desenvolvimento das potencialidades criativas e a provocação de reflexões na construção de um sujeito com senso crítico. Contribuindo assim para o processo de ensino aprendizagem em arte das pessoas com deficiência intelectual.

1. 2 - Metodologia de ensino e a importância da arte no Centro Dia para os Usuários/APAE⁴ de Divinópolis.

Dentro do plano de trabalho do Centro Dia desenvolvo diversas atividades que visam desenvolver variadas habilidades; sociais, físicas, cognitivas, motoras e sensoriais. Ao trabalhar as atividades de arte de maneira prática utilizando recursos e materiais do dia a dia, estamos aproximando os assistidos das suas vivências pessoais e dando novos significados ao conhecimento que eles já possuem em relação a esses materiais, estimulando o processo criativo, de associação e ressignificação.

Dessa forma há uma experiência estética construída no fazer, conhecer e exprimir e ao passar por estes processos a aprendizagem e compreensão é bem mais efetiva.

Ao adentrar-se na complexidade do universo da arte, o indivíduo com necessidades educacionais especiais pode trabalhar os seus sentimentos em relação à sociedade, que, na maioria das vezes, o discrimina ou segrega, devido aos preconceitos e ao estigma. O trabalho com arte é capaz de transformá-lo em um ser humano socialmente ativo, com uma autoestima positiva e uma função social determinada. A arte na educação especial tem condições de promover o desenvolvimento da motivação e da criatividade do aluno, numa tentativa de torná-lo um sujeito mais sensível e aberto para descobrir suas habilidades. (FIGUEIRA, 2012, p. 78-79).

Torna-se necessário que se desperte no usuário um interesse pela arte e para que isso aconteça é preciso que ele faça parte dessa experiência. A maneira mais eficaz e que provoca neles curiosidade e atenção é a experimentação, ou seja, aprender na prática. O fazer é a melhor estratégia para provocar o aprendizado, pois pessoas com deficiência intelectual têm dificuldades de aprendizado, portanto, não é viável expor aulas teóricas e maçantes que abordem os temas de maneira interpretativa e abstrata.

O que funciona na realidade é a associação dos temas trabalhados a uma atividade prática; por exemplo, quando trabalhamos um tema, primeiro conversamos sobre o assunto, procuro sempre expor vídeos e imagens trazendo a argumentação em

⁴ Usuários da APAE são pessoas que utilizam de forma direta o serviço. Pode-se falar também assistidos ou atendidos.

forma de reflexão, sempre provocando respostas pra que eles construam o aprendizado a partir das próprias interpretações. A partir disto passamos para a parte prática que é efetivamente a realização de uma ação que faz parte daquele tema do qual trabalhamos anteriormente.

Durante as oficinas práticas continuo provocando as reflexões e estimulando a fala deles no sentido de exprimir o que sentiram e o que entenderam e que benefícios eles acreditam que aquela prática pode trazer para eles e também para a sociedade.

Nesse sentido Bedin e Binotto (2012) reforçam a ideia da importância de que a arte, por ser extremamente subjetiva, exerce um papel importante dentro da educação especial, atuando onde a verbalização fracassa.

As autoras explicam a importância do esforço do professor em persistir no apoio à inclusão e defendem esta ideia ao afirmarem que:

A expressão artística se manifesta e traduz para a realidade objetiva os processos subjetivos. Não é mais possível admitir no ambiente escolar indiferenças, desigualdades e egoísmo que possam gerar atitudes posteriores de preconceitos e discriminações. Nós, educadores inquietos e com vontade de mudar esse ambiente “exclusivo”, mesmo que com dificuldades, buscaremos todos os recursos disponíveis, permitindo que os alunos recebam uma acolhida educação com tratamento digno e ético de excelente qualidade. Não basta apenas aceitar o deficiente simplesmente porque a lei determina: é preciso reconhecer seu potencial, dar oportunidades de crescimento e principalmente de desenvolvimento social e cognitivo. (BEDIN; BINOTTO, 2012, p. 10).

Entende-se que é importante não apenas pensar na inclusão e no desenvolvimento de um assistido com deficiência, mas viver e lutar por ela, mesmo que seja na sua forma de ensinar, ao ter paciência, novas ideias, vontade de ver as mudanças acontecerem e se alegrar com elas, mesmo que sejam pequenas, lentas. A inclusão nasce em cada educador que tem em si a vontade de ouvir o outro com o ouvido e com o coração.

Ter um bom diálogo com os assistidos, onde eles possam ser entendidos e também possam verbalizar suas ideias, desejos e reclamações, faz com possamos conhecê-los e eles a nós. Saber da história tem plena relevância para o desenvolvimento de meu trabalho, até mesmo a elaboração de atividades direcionadas para determinados casos.

Nesse sentido, durante as aulas no Centro Dia sempre procuro conversar de forma amigável e próxima para que eles se sintam à vontade e possam falar sobre qualquer coisa.

E para nos dar respaldo ainda existe na APAE, prontuários que contém informações de cada assistido, que abordam o histórico familiar, diagnóstico clínico e acompanhamento individual. Sempre que necessário podemos ter em mãos.

As informações são levantadas junto à família em entrevistas sociais, atendimentos em Assistência Social e Psicologia, reuniões familiares e da rede de Assistência Social do município. Também são colhidas informações em conversas informais e durante as aulas, num bate-papo ou em rodas de conversa que sempre fazemos onde abordamos diversos temas.

O histórico nos ajuda a entender a individualidade de cada um de acordo com a deficiência, as potencialidades e dificuldades. Dessa forma se torna possível compreender e planejar o que e como trabalhar com cada um.

Toda deficiência tem a sua particularidade assim como cada indivíduo tem sua personalidade é importante conhecê-los, pois assim nossos esforços são empenhados em superar as dificuldades e potencializar suas capacidades.

Nessa linha de pensamento Freire (1996), explica que saber ouvir é algo que significa a disponibilidade à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro e que a verdadeira escuta não diminui a capacidade do direito de discordar, pois o bom escutador fala, se posiciona com desenvoltura, porque realmente escutou. E sua fala jamais será autoritária, ao ser discordante, porque escutou o outro de verdade.

CAPÍTULO 2 - A HISTÓRIA DE ARTISTAS E A RESSIGNIFICAÇÃO DE MATERIAIS

A ressignificação de materiais é uma forma de estimular diferentes interpretações a partir de objetos que já tem um significado e utilidade, ao ressignificar estamos provocando uma reflexão diferente da realidade conhecida, dessa forma ampliando a visão deles sobre as coisas, e multiplicando suas possibilidades de interpretação.

A reciclagem de papel bem como a reutilização e ressignificação de materiais é temática de diversos artistas que, ao longo dos vários movimentos que marcaram o século XX e a contemporaneidade têm a preocupação de expor ao público uma arte voltada para as questões ambientais e de críticas sociais, incluindo materiais desperdiçados e de uso comum nas suas criações, como forma de consciencializar o ser humano para essas problemáticas.

Dar nova vida e ressignificar materiais que seriam descartados a partir da reciclagem e reutilização como um recurso às Artes Visuais é uma forma de aproximar os alunos da temática da arte sustentável proporcionando estratégias e atividades que promovam criatividade, senso crítico e a autonomia do ensino-aprendizagem em artes de pessoas com deficiência. A este respeito, Eça (2010) acredita que os estudantes, ao se envolverem com a arte sustentável, passam a ter maior capacidade crítica.

A arte promovida a partir do uso de materiais descartados tornou-se importante e cabe validar sobre a participação de alguns artistas plásticos brasileiros, conhecidos também no exterior, por terem um atributo característico que é desenvolver suas obras a partir de produtos que iam para o lixo. São eles Jac Leirner e Vik Muniz.

2.1 Jac Leirner e algumas de suas obras.

De acordo com Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (2017), Jacqueline Leirner, Fig. 1, nasceu em SP em 1961. Artista multimídia e formada em artes plásticas, pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), onde lecionou entre 1987 e 1989. Ao criar seus trabalhos, insere elementos comuns do cotidiano no circuito artístico, ou seja, ao coletar objetos do consumo diário das pessoas, desenvolvia a partir deles

um novo significado. Conhecida por explorar a variedade de formas, cores dos materiais, ao incorporar questões relacionadas à presença da cor, da linearidade e da horizontalidade.

Figura 1: Jacqueline Leiner



Fonte: Folha de São Paulo⁵

Figura 2: Jac Leirner, Pulmão (vegetal/mineral), 1987.



Fonte: (LIMA, 2016, p.68)

⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/jac-leirner-e-primeira-sul-americana-a-receber-premio-de-arte.shtml>. Acesso em: 30/01/2019.

Figura 3: Jac Leirner, *Corpus Delicti*, 1993. Escultura feita com talheres e cordão de poliuretano.



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural⁶

De acordo com Lima (2016), em *Inacabável (roda sobre roda)* de 1982, a artista realizou o que se tornaria a característica mais evidente de sua produção futura os quais sofrem processo de transformação e de ganho de sentidos.

A artista retirou alguns objetos do cotidiano e deu novo sentido a eles. Usou feltro, vidro, alumínio, couro, borracha, plástico, papel e espuma, cortados em formato circular e empilhou-os em torno de um eixo vertical. (LIMA, 2016).

Figura 4: Jac Leirner, *Inacabável (roda sobre roda)*, 1982.



Fonte: (LIMA, 2016, p.35).

⁶Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra65747/corpus-delicti>. Acesso em 30/01/2019.

2.2 Vik Muniz

ViK Muniz (Fig. 5) nasceu em 1961 e é um artista plástico, brasileiro, fotógrafo e pintor, é conhecido por usar materiais inusitados em suas obras, como lixo, açúcar e chocolate. Em 2010 foi produzido um documentário intitulado “Lixo Extraordinário” sobre seu trabalho. (FRAZÃO, 2019).

Com base nas fotografias tiradas por ele mesmo, o artista plástico Vik Muniz produziu telas gigantescas com o lixo coletado no Aterro de Jardim Gramacho. O artista definiu três caminhos para ajudar as pessoas que trabalharam como catadores e os ajudou. Os ajudou com uma contribuição pessoal de 10 mil para cada um dos sete que participaram da ajuda e do documentário. E com a venda das fotos financiou a compra de máquinas para melhorar as condições de trabalho daqueles trabalhadores. (FILHO, 2016).

Fig. 5. Vik Muniz, cena de Lixo extraordinário.



Fig.6. Cena de Lixo extraordinário.



Fonte: Revista IstoÉ Edição nº 2151, 02/02/2011 - Adaptado pelo autor⁷

⁷ Disponível em: https://istoe.com.br/121937_A+ARTE+QUE+VEM+DO+LIXO/. Acesso em: 30/01/2019.

Fig. 7: Obra do Documentário Lixo extraordinário



Fonte: Revista IstoÉ Edição nº 2151, 02/02/2011⁸

Observa-se que a ressignificação dos materiais torna-se na arte uma realidade onde pode-se ter contato com um mundo diferente do que vivemos, como no caso das obras de Vik Muniz. Através da obra do artista, que ele reaproveita o que já estava no lixo e transforma em algo maravilhoso, podemos entender a vida de outras pessoas, como o trabalho dos catadores, por exemplo.

E quando um assistido ressignifica um material nós educadores podemos também compreender seu significado, pois através da criação de cada um nasce um significado diferente. Cabe termos a sensibilidade de interpretação.

Vigotski preocupava-se com a educação das pessoas com deficiência e confiava no princípio de que qualquer ser humano podia aprender, até mesmo os que tinham algum problema físico, mental, sensorial, neurológico e emocional, e afirmava que as leis do desenvolvimento humano são iguais para todos. (ROSSETTO, 2012, apud, PAZETTO, 2014).

⁸ Disponível em: https://istoe.com.br/121937_A+ARTE+QUE+VEM+DO+LIXO/. Acesso em: 30/01/2019.

É relevante utilizar estratégias que proporcionem aos alunos atividades que promovam criatividade, senso crítico e a autonomia, seja através de estímulos, repetição e formas diferenciadas para que cada um se adapte de acordo com suas características e aptidões.

2.3 Reciclagem e Reutilização de materiais como recurso de baixo custo para o ensino de artes.

Quando pensamos em trabalhar atividades artísticas a primeira ideia que nos vem à cabeça é a necessidade de obter materiais e ferramentas.

Tintas, pincéis, telas, lápis e papéis de variados tipos e mais uma infinidade de outros itens, na maioria das vezes são materiais de alto custo, e quando nos deparamos com a realidade das instituições de ensino e de assistência social que têm recursos financeiros limitados e escassez de materiais disponíveis, percebemos a necessidade de explorar outras formas.

Diante deste fato, buscar alternativas de baixo custo que seriam ricas para a aprendizagem em artes utilizando para isso recursos que temos em mãos com tanta facilidade como materiais reciclados ou que seriam descartados, é uma maneira criativa, eficaz.

CAPÍTULO 3 - RELATÓRIO DAS EXPERIMENTAÇÕES.

O relato aqui descrito é uma experiência que vivenciei ao longo de quatro anos de trabalho como Educadora na APAE. Desde o início utilizei como recurso a reciclagem do papel e a reutilização, como forma de trabalhar com recursos limitados e também com o intuito de conscientizar para as questões ambientais.

Como os projetos são desenvolvidos em formato de oficinas, realizei diversas atividades com o tema reciclar e reutilizar através da arte. Pude relatar sobre três oficinas, sendo elas: Oficina de Papel Artesanal Reciclado; Oficina de Papel Machê; e Oficina de Assemblage.

Levando em consideração que o aprendizado para ser efetivo deve ser alicerçado por práticas reflexivas, nossas atividades se iniciam sempre com uma conversa onde o tema é introduzido, dialogando com os assistidos estabelecemos uma relação de aproximação, buscando sempre fazer associações entre o tema abordado, ao cotidiano e a fala deles.

Nesse sentido vale comentar sobre as contribuições de Zeichner (1997), *apud* Michelleto (2020), que afirma que os educandos são co-autores da pesquisa pedagógica, acrescentando dessa forma os fundamentos das investigações desenvolvidas pelo educador, ressaltando a questão da importância da dialógica reflexiva, ou seja, a capacidade de a pesquisa promover o diálogo e a reflexão entre os professores e abrir espaços para convivência crítica.

Na oficina de papel artesanal, discutimos o tema da reciclagem do papel, demonstrei com vídeos e imagens os processos para a produção de papéis e as variadas maneiras de obtê-lo, expliquei a importância da reciclagem tanto no sentido da conservação do meio ambiente como na redução do volume de papel descartado como lixo.

Muitos disseram saber que o papel era produzido através das árvores e mostraram-se preocupados em conservar esse bem tão importante ao nosso meio ambiente, ficaram animados em saber que era possível produzir o seu próprio papel, e se mostraram interessados em aprender o processo de feitura.

Pode-se analisar esse interesse pelo comentário de Fofonka (2014), que considera que a proteção do ambiente deve ser compromisso de todos e que deve ser

realizada de forma constante meios de sensibilizar as pessoas, com ou sem deficiência a conhecer, valorizar e respeitar a natureza e o ambiente como um todo.

3.1 Oficina de Papel Artesanal

Para iniciar propus que recolhêssemos os papéis que seriam descartados nas dependências da instituição, para isso cada um deles visitou uma sala explicando aos colaboradores o nosso projeto e pedindo para recolher papéis descartados, dessa forma estimulando neles a interação com a comunidade e provocando um sentimento de pertencimento.

Essa simples movimentação promovida dentro da instituição despertou neles um engajamento significativo, se mostraram empenhados no papel de promotores e defensores da reciclagem, e do meio ambiente, e por iniciativa própria declararam que iriam repassar esse conhecimento aos familiares e vizinhos e recolheram nesses ambientes mais materiais para nossa oficina.

Torna-se importante criar formas para produzir o saber e também respeitar a autonomia do aluno, o que percebe-se que aconteceu durante esse início de tarefa.

Como diz Freire(1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando está em uma sala de aula deve estar aberto a indagações, à curiosidade, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tem. Ao falar da construção do conhecimento, deve-se estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos.

Como educador devo estar constantemente advertido com relação a este educando, do educando criança, jovem ou adulto. [...] o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. [...] O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos formadora do educando,

transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. [...] É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. [...]. (FREIRE, 1996, p. 24).

Após ter em mãos uma pilha de papéis usados, iniciamos o processo. A feitura do papel artesanal é um processo relativamente simples e de fácil compreensão, primeiro passo é picotar todo o papel disponível, fizemos esse procedimento com as mãos para estimular a concentração, a coordenação motora e a percepção sensorial, principalmente daqueles que demonstram dificuldades nesses processos. Fig. 08.

Fig. 08: Picotando o papel para a oficina de Papel Artesanal.



Fonte: Autoria - Cecília Ramos de Camargo, 2019.

Após a picotagem o papel é colocado de molho em água para que se dissolva com mais facilidade, segue-se para a preparação da polpa, que é a liquidificação, transformando assim todo papel triturado em uma pasta.

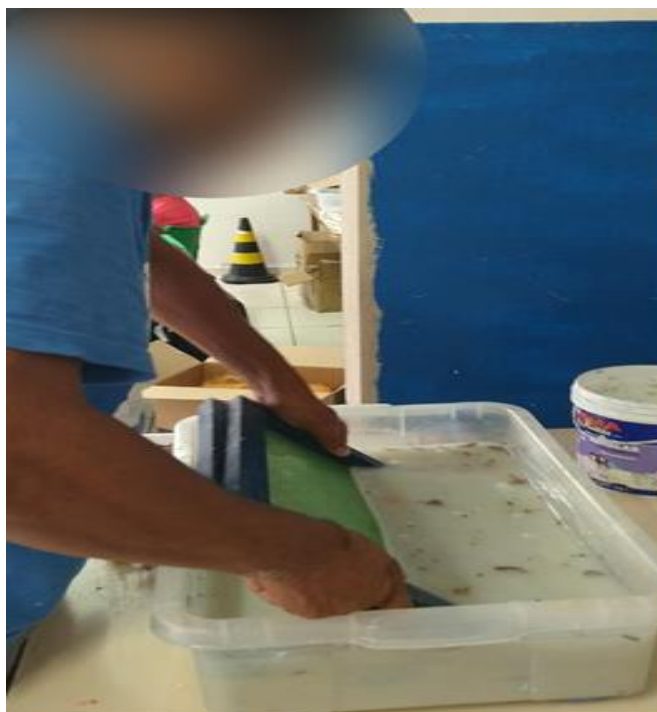
Essa pasta é colocada em pequenas quantidades em uma bacia grande com água, fig. 09 e com o auxílio de uma moldura de madeira telada a polpa é retirada da água, fig. 10 retira-se o excesso de água e antes de prosseguir podemos agregar outros materiais decorativos ao papel, utilizamos nesta etapa flores, folhas, casca de cebola, corda de sisal.

Fig. 09: Pasta sendo colocada na bacia com água.



Fonte: Aatoria - Cecília Ramos de Camargo, 2019.

Fig. 10: Polpa de papel sendo retirada da água.



Fonte: Aatoria - Cecília Ramos de Camargo, 2019.

Depois de decorar o papel, a polpa que foi pescada pela moldura telada é depositada sobre um pedaço de tecido de algodão e segue para a secagem. Fig. 11.

Fig. 11: A autora orienta como a polpa deve ser pescada e depositada em tecido de algodão para secar.



Fonte: Aatoria - Cecília Ramos de Camargo, 2019.

Todo esse procedimento descrito foi cuidadosamente explicado e acompanhado, e todos os assistidos se envolveram e participaram de cada etapa, principalmente na fase decorativa, foram criativos, fizeram mistura de materiais e opinaram dando sugestões aos colegas do que usar, e como proceder, e isso é de extrema importância para essas pessoas, a interação e o pensamento criativo provocando a capacidade de produzir e fluir uma ideia de maneira natural e interessada.

Fig. 12: Resultados das folhas de papel.



Fonte: Aatoria - Cecília Ramos de Camargo, 2019.

Observa-se que as habilidades são estimuladas e de acordo com Silva et al (2010), *apud* Silva (2016), cada movimento, olhar ou recorte de papel, constitui-se num direito que a pessoa tem de conhecer o mundo e expressar seus sentimentos sem a fala.

3.2 Oficina de Papel Machê.

Ainda falando em reciclagem de papel, outra atividade que desenvolvi em diversos momentos, foi a Oficina de Papel Machê. Esse material é um dos preferidos dos assistidos, por sua maleabilidade e por suas infinitas possibilidades.

A aplicabilidade dessa massa é muito rica e é outra alternativa de baixo custo utilizando o papel descartado, é possível fazê-la com variados tipos de papel, e minha escolha foram caixas de embalagem para ovos, um material sem custo algum encontrado com grande facilidade.

A versatilidade do papel machê me possibilitou trabalhar conceitos de tridimensionalidade, modelagem e escultura e aprimorar as habilidades de concentração e disciplina uma vez que trabalhar com a modelagem requer muita paciência e cuidado aos detalhes para um acabamento refinado, além de ser lúdico e também promover um espaço de convivência e diálogo.

A primeira etapa da oficina como já foi dito anteriormente são as rodas de conversa, a exposição de vídeos, imagens e explicações para contextualizar e inserir os conceitos em arte relacionados ao tema. Apresentei artistas que trabalham com papel machê, além de contar um pouco da história de como surgiu esta técnica. Todos ficaram maravilhados com as imagens que observaram e empolgados em descobrir a maneira de produzir as peças.

Na segunda etapa, passamos a produzir a massa, o primeiro passo é a picotagem das caixas de ovo para então colocar de molho em água, e depois do papel amolecido ele é liquidificado formando uma pasta, retira-se o excesso de água desta pasta e já temos nossa matéria prima.

Depois desse processo acrescenta-se na pasta cola branca e um conservante, utilizamos cola caseira, pois é mais econômica, é um grude cozido feito com polvilho

ou farinha de trigo e água, e como conservante utilizamos o vinagre, depois basta amassar e sovar a massa até conseguir uma textura macia.

A terceira etapa foi preparar a estrutura que serviria de base para nossa modelagem, utilizamos diversos outros materiais descartados, como garrafas, papelão, e jornal; com tesoura, papelão, fita crepe e cola quente construímos a base de um boneco, fig.13. E a partir daí iniciamos a etapa da modelagem acrescentando massa à estrutura.

Fig. 13: Estrutura sendo preparada.



Fonte: Autoria - Cecília Ramos de Camargo, 2019.

Esta etapa é realizada em várias aulas, pois o processo é lento e trabalhoso e entre uma parte e outra da peça é necessário aguardar a secagem para seguir adiante. Depois de finalizada a etapa da modelagem a peça fica em processo de secagem para seguir para a parte final, a pintura da peça, etapa esta muito esperada por todos. Fig. 14

Fig. 14: Pintura da peça.



Fonte: Aatoria - Cecília Ramos de Camargo, 2019.

Nesta fase discutimos como eles querem realizar a pintura, eles escolhem as cores e a maneira como seriam as roupas e cabelos dos bonecos.

Eu auxilio preparando as tintas, às vezes dando opinião, riscando os desenhos e direcionando o uso do pincel para aqueles que demonstram maior dificuldade no manuseio dos materiais. E estas são as peças finalizadas. Fig. 15.

Figura 15: Peças finalizadas



Fonte: Aatoria - Cecília Ramos de Camargo, 2019.

3.3 Oficina de Assemblage.

Nesta oficina o foco de nossas discussões foi a reutilização de materiais que seriam descartados como lixo, neste sentido utilizei os conceitos artísticos da Assemblage e a referência de artistas contemporâneos que se valeram desta linguagem em suas obras.

Ao se utilizar de diversos materiais como papéis, tecidos, madeira, colados a uma tela o artista consegue ultrapassar as limitações da superfície, rompendo assim o limite da pintura, criando uma junção da pintura com a escultura. Mas esse tipo de obra artística já vinha sendo produzida desde o começo do século 20, como nas colagens cubistas feitas por Pablo Picasso e Georges Braque, nas esculturas dos futuristas e no dadaísmo, sobretudo pelo ready-made de Marcel Duchamp. E obras do polonês radicado no Brasil pelas obras de Franz Krajberg e os brasileiros Wesley Duke Lee e Arthur Bispo do Rosário. (IMBROISI, 2016).

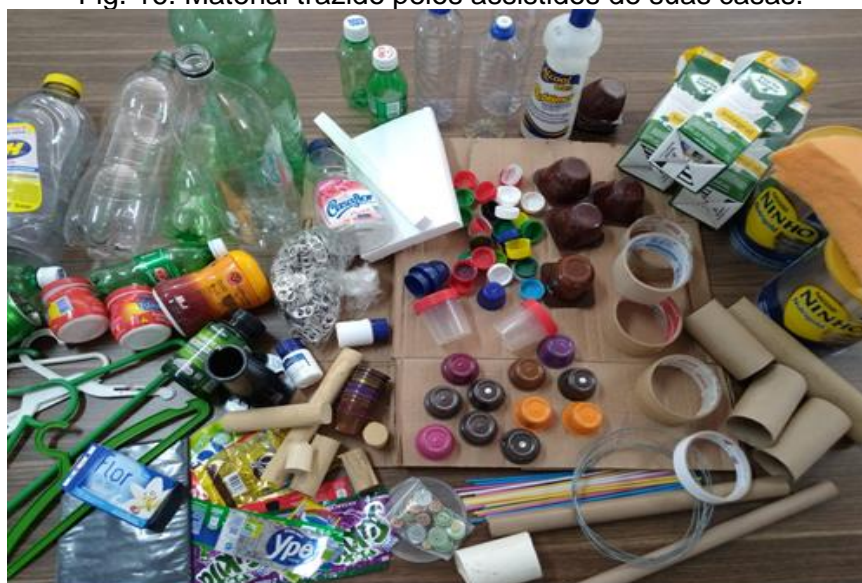
Nossa roda de conversa nesta oficina abordou também a importância da reutilização de materiais em relação à conservação do meio ambiente, do uso e descarte correto para materiais e resíduos, provocando uma discussão desta temática no sentido de promover a conscientização ambiental, para que desta forma a aprendizagem em arte também possa desenvolver nestas pessoas um olhar mais sensível, crítico e atento a estas questões.

Ao abordar a Assemblage expliquei o sentido da ressignificação, falei do momento histórico na arte contemporânea quando os artistas agregaram objetos em suas obras, apresentei artistas e suas obras em imagens e vídeos, como Jac Leirner Vik Muniz, dentre outros. Observar a imagem das obras de diversos artistas permitiu que eles se libertassem da ideia funcional de cada objeto, e perceberam com clareza o conceito da ressignificação.

Ao questioná-los sobre o que eles viam nas obras em momento algum houve falas no sentido de dar nome aos objetos em si, observaram as obras como um todo em seu real sentido, isso me deixou muito feliz, pois imaginei que teriam alguma dificuldade em atribuir outros sentidos senão ao que os olhos viam, já que a dificuldade de abstração é um fator recorrente à pessoas com deficiência intelectual.

Tendo todos os conceitos explicados e entendidos, passamos para a experimentação e produção em Assemblage, o primeiro passo foi pedir que cada um trouxesse de casa diversos materiais, trouxeram garrafas pet, papelão, tampinhas, rótulos, embalagens, latas, arame, cabides, isopor, espuma, cano de PVC. Etc. Fig. 16.

Fig. 16: Material trazido pelos assistidos de suas casas.



Fonte: Autoria - Cecília Ramos de Camargo, 2019.

Com todos já reunidos, pedi que cada um observasse os materiais sobre a mesa e pensassem no que poderiam construir a partir deles.

Disponibilizei cola quente, fita adesiva, cordão, e dei permissão que utilizassem da maneira que achassem melhor, reforcei a ideia de que ao reunir esses objetos eles deveriam contar uma história diferente para aqueles materiais, que eles deixariam de ser garrafas, papelão, embalagens para ser o que eles quisessem.

A princípio alguns tiveram receio e se mostraram tímidos ao manusear e escolher os materiais houve quem acreditasse que não conseguiria fazer, mas bastou um pouco mais de incentivo para despertar neles mais confiança e criatividade.

A experiência da observação e construção foi extremamente positiva, ao procurar soluções de como compor os objetos, a forma de reuni-los ou encaixa-los, descobrir a melhor maneira de apresentar sua ideia, a escolha dos materiais, todo o percurso se mostrou um exercício de descobertas e desafios. Questionar as escolhas e

instiga-los permitiu que eles descobrissem formas criativas e inusitadas de solucionar os problemas encontrados. Fazendo com que pudessem encontrar neles mesmos a capacidade que julgaram não ter. Fig. 17.

Fig. 17: Manuseio do material pelos assistidos.



Fonte: Aatoria - Cecília Ramos de Camargo, 2019.

Fig. 18 - Artes finalizadas.



Fonte: Aatoria - Cecília Ramos de Camargo, 2019.

Desenvolveram um gosto por construir e não queriam parar, foi fascinante e prazeroso ver a capacidade criativa deles, e as habilidades que descobriram ter, apesar da dificuldade inicial. Fig. 18.

É inspirador para mim como educadora, é um incentivo para buscar sempre e cada vez mais propostas como estas que apresentei, pois além de contribuir para uma consciência em relação ao meio ambiente e desenvolver atitude social, liberdade de pensamento e criação, trabalho em equipe, interação, socialização, inclusão, estou trabalhando também em mim a melhor forma de ser para eles, pois sei que exerço um papel importante no desenvolvimento de cada um deles, faço com todo meu amor e dedicação.

Como diz Freire (1996), “ensinar exige querer bem aos educandos”.

A afetividade não se acha excluída do conhecimento. O que não pode é permitir que a afetividade interfira no cumprimento ético do dever de educador no exercício da autoridade. Não pode é condicionar a avaliação do trabalho de uma pessoa ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. (FREIRE, 1996).

CONCLUSÃO

As artes permitem um contato direto com nossos sentimentos por isso ajuda a desenvolver diversas áreas do conhecimento. Por isso o Ensino de Artes Visuais para pessoas com deficiência intelectual traz inúmeros benefícios, como o desenvolvimento da autonomia e senso crítico, a imaginação e criatividade, encontro consigo mesmo, socialização e interação, além de possibilitar a criação de práticas inclusivas.

Após o término do trabalho consegue-se afirmar que o objetivo central da pesquisa foi alcançado. Consegui observar e mostrar a importância do Ensino de Artes Visuais para as pessoas com Deficiência Intelectual, para o desenvolvimento humano.

Através do relato de experiência pude ver que a reciclagem de papel e a reutilização de materiais é uma proposta pedagógica que merece ser validada porque além de ser uma forma de resolver problemas como o auto custo de materiais para trabalhar com a Arte, ainda é facilitadora de momentos de socialização das pessoas.

Pude observar que os assistidos com os quais trabalhei durante as oficinas de reciclagem de papel tiveram a oportunidade de interagir entre si, sentiram-se à vontade em desempenhar trabalhos em grupo, se preocuparam com o que poderiam fazer e se propuseram a passar a aprendizagem sobre cuidar do meio ambiente para seus familiares.

As práticas artísticas geraram sentimentos prazerosos desenvolvendo a sensibilidade e a percepção em relação a suas próprias criações e ajudaram elevando a autoestima ao mesmo tempo em que promoveram a qualidade de vida e o bem-estar.

As dificuldades existem, mas com amor e dedicação, acredito que é possível que pessoas com deficiência intelectual consigam viver o prazer de todas as vantagens obtidas através da arte porque pelo esforço e alegria que percebi que tiveram ao desempenhar as atividades, pude concluir que são capazes de obras muito maiores, com estímulos constantes e confiança na autonomia dos mesmos.

REFERÊNCIAS.

BEDIN, Thais. BINOTTO, Rosângela Ferigolo. *Educação e Arte: estimulação cognitiva em deficiência intelectual*. 2012. Disponível em

<<https://sustentabiliarte.wordpress.com/2012/09/29/educacao-e-arte-estimulacao-cognitiva-em-deficiencia-intelectual/>> Acesso em 29 de jan. 2020.

BOGDAN, R.S.; BIKEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. 12. ed. Porto, 2003.

BRASIL. *Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde*. 2016. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cssf/arquivos-de-eventos/seminario-de-26-10-2017/apresentacao-simone>> Acesso em 24 jan. 2020.

EÇA, H. T. T. P. de. *Educação através da arte para um futuro sustentável*. Cadernos CEDES, Campinas, v. 30, n. 80, jan. / abr. 2010.

FIGUEIRA, Emílio. *As pessoas com deficiência dialogando com a Arte*. Dos fatos históricos à Educação Inclusiva, rumo ao mercado de trabalho. Edição do autor. São Paulo. 2012.

FOFONKA, Luciana. *Inclusão Social e Educação Ambiental: Uma relação possível*.

Disponível em <<http://www.revistaeea.org/pf.php?idartigo=2052>> Acesso em: 16 de fev. 2020.

FRAZÃO, Dilva. *Vik Muniz: Artista plástico brasileiro*. Disponível em <https://www.ebiografia.com/vik_muniz/> Acesso em 30 de jan. 2020.

FILHO, Francisco Alves. *A arte que vem do lixo*. *Revista Istoé*. Tecnologia & Meio ambiente Disponível em <https://istoe.com.br/121937_A+ARTE+QUE+VEM+DO+LIXO/> Acesso em 30 de jan. 2020.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 12ª edição. Paz e Terra. 1983.

_____. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 25ª ed. 1996. Coleção Leitura.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IMBROISI, Margaret. *Assemblage*. História das Artes. 2016. Disponível em <<https://www.historiadasartes.com/olho-vivo/atelie/assemblage/>> Acesso em Acesso em 15 de fev. 2020.

_____. *Empapelamento ou Papel Machê*. História das Artes. 2016. Disponível em <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/empapelamento-ou-papel-mache/>> Acesso em 15 de fev. 2020.

ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra24898/pulmao-vegetal-mineral>> Acesso em 30 de jan. 2020.

LIMA, Pedro Ernesto Freitas. *Disfarce de Intenções*. 2016. 180 p. Dissertação. (Pós-graduação em arte). Universidade de Brasília: instituto de Artes. Brasília:2016. Disponível em <https://www.academia.edu/27537525/Disfarce_de_inten%C3%A7%C3%B5es_exposi%C3%A7%C3%A3o_e_oculta%C3%A7%C3%A3o_em_Jac_Leirner> Acesso em 30 de jan. 2020.

LOMASSO, Alexandre Lourenço. et al . Estudo de caso no centro mineiro de referência em resíduos (CRRR). *Revista Pensar Gestão e Administração*. v. 3. Jan. 2015. Disponível em <http://revistapensar.com.br/administração/pasta_upload/artigos/a104.pdf> Acesso em 21 de jan. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Editora Atlas, 1992, 4ª ed. p. 43 e 44.

MATTAR, F. N. *Pesquisa de marketing*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001

MICHELLETO, Ingrid Barbara Pereira. *Ação- Reflexão-Ação: Processo de formação continuada*. 2020. Disponível em < <https://docplayer.com.br/20326088-Acao-reflexao-acao-processo-de-formacao-continuada.html>> Acesso em 16 de fev. 2020.

PAGANELLI, Raquel. *O desenvolvimento de alunos com deficiência intelectual e o mito da idade mental*. 2017. Disponível em <<https://www.diversa.org.br/artigos/o-desenvolvimento-de-alunos-com-deficiencia-intelectual-e-o-mito-da-idade-mental/>> Acesso em 28 de Jan. 2020.

PAZETTO, Márcia Aparecida. *Arte Visual como meio pedagógico para criar a capacidade crítica dos alunos com deficiência intelectual em relação aos resíduos sólidos*. Programa de Desenvolvimento Educacional. (PDE). Cadernos PDE. Vol. 1. 2014.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *Processos artísticos como metodologia de pesquisa*. In *ouvirOUver*, v.11, n.1, 2015, p.88-98. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707>> Acesso em 29 de Mar. de 2019.


QUAIO, Caio Roblebo D'Angioli Costa et al. 2018. Deficiência Intelectual e Autismo. *Revista Médica*. Ed. 3. Disponível em <<https://www.fleury.com.br/medico/artigos-cientificos/deficiencia-intelectual-e-autismo-revista-medica-ed-3-2018>> Acesso em 27 de jan. 2020.

SILVA, Vandeilda da. Et al. *Artes e Inclusão de Pessoas com deficiência: Ação, superação e lazer*. Disponível em <https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD4_SA6_ID2749_08102016202118.pdf> Acesso em 15 de fev. 2019.

SKURA, Catarina. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. *Deficiência Intelectual e Múltiplas Deficiências*. Disponível em <<http://br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=673>> Acesso em 27 de jan. 2020.

ANEXOS

Autorização do uso de nome da instituição:


 **ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS / APAE de Divinópolis-MG**
Registro Civil de P. Jurídicas (B. H. MG) Nº 12337 - LV. A - 13 em 31.12.66 - Utilidade Pública pela Lei Municipal Nº 894, de 11.03.70 - Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 6.021 de 30.10.72 - Utilidades Públicas Federal em 03.06.9 CNPJ/MF 20.161.869/0001-31 Endereço: Rua Niquelina 520 Bairro São João de Deus Divinópolis/MG - Fone: (37) 3215-9310 (37)9660-8179

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Em nome da APAE Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, situada à Rua Niquelina, nº 520 Bairro São João de Deus, Divinópolis/MG, autorizamos Cecília Ramos de Camargo, RG: MG 13-876-598 CPF: 067.992.496-59 a utilizar o nome da Instituição em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.


Cecília Ramos de Camargo se compromete a não autorizar para terceiros a utilização do nome da Instituição deste contrato, bem como a utilizá-lo exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.

Cecília Ramos de Camargo se compromete, ainda, a usar o nome da Instituição de forma a não ferir sua reputação.

Divinópolis, 20 de Janeiro de 2020.

Ana Laura S. Lopes
Gerente Institucional
APAE - Divinópolis - MG
(37) 3215-9310

Ana Laura Santos Lopes
Gerente Institucional
APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - Divinópolis/MG

De acordo


Cecília Ramos de Camargo